

Educação sexual e o jovem homossexual

Luiz Mott*

Resumo: Neste ensaio abordamos a polêmica questão do direito humano fundamental dos jovens com tendência homossexual, de terem sua orientação sexual respeitada. Iniciamos com algumas reflexões sobre a sexualidade humana e os diferentes significados do termo “sexo”; em seguida discutimos os princípios básicos da Antropologia da Sexualidade; o lugar da homossexualidade no continuum da orientação sexual; os principais mitos e verdades sobre a homossexualidade; os diferentes tipos de vivência homossexual no Brasil. Concluimos com algumas “dicas” de como o jovem pode assumir sua homossexualidade com menos conflito pessoal e familiar.

Palavras-chave: Sexo (Psicologia); Educação Sexual; Homossexualismo.

Abstract: This paper discusses the controversial question about the fundamental human right of young people with homosexual tendency to have their sexual orientation respected. It starts with some reflections about the different meaning of the word sex, and then discusses the basic principles of Anthropology of Sexuality; the place of homosexuality in the continuum of sexual orientation; the main myths and truths about homosexuality and the different ways of homosexual lifestyle in Brazil. We finish with some ideas about how a young man or woman can “coming out” with less personal and familiar conflicts.

Key words: Sex (Psychology); Sexual Education; Homosexuality.

Introdução

Nascemos machos e fêmeas: a sociedade que nos faz homens e mulheres. Este é um dos ensinamentos básicos da Antropologia: a sexualidade humana não é fruto do instinto, mas uma construção cultural. Entre os humanos, nascer com um pênis não implica necessariamente em atração irresistível e incontrolável por uma vagina. Enquanto para os

* Doutor em Antropologia, professor na Universidade Federal da Bahia e presidente do Grupo Gay da Bahia.

mamíferos irracionais a atração sexual é determinada pela química – o cheiro inebriante da fêmea na época do cio – entre os humanos, como ensina Freud, o desejo sexual é perverso e polimorfo, fruto de uma paixão estética. Nossa libido pode encontrar satisfação não apenas na conjugação de dois aparelhos genitais diferentes, mas numa gama quase infinita de arranjos erótico-sensuais – incluindo bonecas infláveis, animais domésticos, cópula anal, homoerotismo, manipulação clitoriana ou peniana, *voyeurismo* e a coqueluche do momento, sexo por telefone cobrado por minuto!

Neste ensaio abordamos a polêmica questão do direito que têm os jovens com tendência predominantemente homossexual de terem sua orientação sexual respeitada. Iniciamos com algumas reflexões sobre a sexualidade humana e os diferentes significados do termo “sexo”; em seguida discutimos os princípios básicos da Antropologia da Sexualidade; o lugar da homossexualidade no *continuum* da orientação sexual; os principais mitos e verdades sobre a homossexualidade; os diferentes tipos de vivência homossexual no Brasil, concluindo com algumas “dicas” de como o jovem pode assumir sua homossexualidade com menos conflito pessoal e familiar.

Sexualidade humana

Sexo é uma das questões mais polêmicas, gostosas e complexas de nossa vida. Somos fruto de um ato sexual. O prazer sexual é das experiências mais fortes que podemos ter. É sobretudo através do sexo que a Aids vem se alastrando pelo mundo inteiro. Sexo como sinônimo de ato sexual é apenas um dos sentidos deste termo, e vamos começar discutindo exatamente as várias conotações deste conceito.

A palavra **sexo** tem quando menos 6 significados que merecem ser cuidadosamente distinguidos para melhor entender a polêmica questão da educação diferenciada dos homossexuais:

- 1] *sexo genético*: é determinado pelos cromossomas, as células que definem a estrutura masculina ou feminina do embrião humano;
- 2] *sexo gonadal*: as gônadas da mulher são os ovários, que produzem os hormônios femininos ou progesterona; as gônadas do homem são os testículos, que produzem os hormônios masculinos ou testosterona;

- 3] *sexo genital*: são os órgãos sexuais externos, na mulher a vagina e no homem o pênis;
- 4] *sexo psicológico*: é a identidade sexual de cada indivíduo: alguém pode ter nascido homem e se sentir psicologicamente mulher;
- 5] *sexo social*: é o papel de gênero, a forma como cada sociedade vai moldar o comportamento sexual diferenciado dos homens e das mulheres;
- 6] *sexo erótico*: é a atração ou orientação sexual dos indivíduos, que poderá ser para o sexo oposto (heterossexualidade), para o mesmo sexo (homossexualidade) ou para ambos (bissexualidade).¹

Esta pequena introdução é importante porque descarta logo de início um dos equívocos que muita gente repete: que é o sexo genital (pênis e vagina) que determina a preferência sexual dos indivíduos. Como se o “pinto” ou a “rola” tivessem uma atração instintiva pela “aranha” ou “peregrina”. Errado: a atração sensual independe do sexo genital dos atores. Outra opinião errada deve ser aqui logo descartada: macho que gosta de outro macho, ou fêmea que gosta de outra fêmea não são pessoas com distúrbios glandulares ou psicológicos: a normalidade do físico e da mente dos seres humanos independe de sua “orientação sexual”.²

Várias são as Ciências que estudam a sexualidade humana: a Antropologia, a Sexologia, a Psicologia, a Genética – e todas garantem que no ser humano, a sexualidade não é regida pelo instinto – como nos animais irracionais. A sexualidade humana não é apenas genética, hormonal, genital: o social, o psicológico e o erótico são criações humanas, que variam de povo para povo e ao longo do tempo dentro da mesma sociedade. Alguns exemplos: para nós a nudez causa vergonha e se alguém exibir seu corpo nu em público, pode até ser preso por atentado ao pudor. Em inúmeras sociedades indígenas e africanas, homens e mulheres andam “pelados”, sem escândalo ou malícia. Na Grécia Antiga o homossexualismo era aceito e tinha até deuses que eram homossexuais; no Candomblé e Umbanda, há Orixás que são metade do ano homem, a outra metade, mulher. No Irã os homossexuais e as mulheres adúlteras são mortos a pedradas; na Dinamarca, Suécia e Noruega, os gays e lésbicas podem se casar oficialmente e na Holanda há vitrines onde as profissionais do sexo estão à vista e às ordens de quem pague por seus

serviços eróticos. Estas variações tão extremas da expressão sexual comprovam que *a sexualidade humana é cultural e não instintiva*, pois se fosse ditada pela natureza, seria idêntica para todos os povos e em todas as épocas. Portanto, é errado dizer que existe uma “moral universal”, ou que está escrito no coração dos homens o certo e errado em questão sexual. Cada povo e cada casal é que determinam o que é certo ou errado para si próprio. Se homossexualismo vai ser permitido ou condenado, se vai ser pecado ou prática divina, se vai ser aberto ou escondido, nada disto é determinado pela natureza, mas pelos costumes de cada povo. E neste particular, quanto ao amor entre pessoas do mesmo sexo, os estudiosos descobriram que tem mais povos que aceitam esta expressão sexual (64% das sociedades humanas) do que as que condenam o homoerotismo (36%).³

O que nós, brasileiros, consideramos certo ou errado em questão sexual é herança direta das credices sexuais do povo judeu. É nos livros sagrados dos judeus e dos cristãos (Bíblia) que estão as bases de nossa moral sexual: é lá que está condenada a masturbação, o apedrejamento da mulher adúltera, a vergonha da nudez, a discriminação ao homossexual, a supervalorização da virgindade feminina, etc. Infelizmente, nossos pais herdaram de nossos antepassados modelos ultra-rígidos e preconceituosos a respeito do sexo. Dentro da tradição judaico-cristã, o único sexo permitido é pai-mamãe. Todo o resto, é pecado mortal. Por isto que até hoje a Igreja condena o uso dos anti-concepcionais e da camisinha, o aborto, o homossexualismo, a masturbação, o sexo fora do casamento. Esses tabus ou preconceitos felizmente começam a ser questionados e superados. Por exemplo: diferentes ramos da ciência garantem que a masturbação não é aquela coisa tão feia e perigosa como os moralistas insistiam em divulgar; que os homossexuais não são imorais, devendo ser tratados com os mesmos direitos dos demais cidadãos; que o divórcio é a melhor solução para aqueles casamentos que não deram certo. Nos países mais civilizados, as principais Igrejas já se modernizaram e aceitam que mulheres sejam sacerdotes, não condenam os divorciados, abençoam as uniões entre homossexuais.⁴

Estas informações são importantes, porque no Brasil, infelizmente, ainda persistem idéias muito atrasadas sobre a sexualidade humana, e quando se vai trabalhar com a educação sexual de jovens homossexuais,

temos que ter respostas certas e convincentes para calar a boca dos intolerantes e dar bons argumentos e mais autoconfiança para quem é vítima do preconceito e da discriminação.

Antropologia da sexualidade

A Antropologia, que na sua origem, nos meados do século XIX, foi chamada de “filha do imperialismo”, nas últimas décadas, cada vez mais, fez do antropólogo o “escriba dos povos sem escrita”, aquele que interpreta, dando vez e voz às minorias sociais mais discriminadas: os nativos, os sem terra, os grupos minoritários. E dentre estes, as minorias sexuais. Como “escriba dos povos ágrafos”, o antropólogo tentar traduzir e interpretar para a sociedade global a alteridade, seja dos “primitivos”, seja dos “*out group*”.

Uma das mais significativas contribuições da “Ciência do Homem e da Humanidade” tem sido exatamente demonstrar, com evidências etnográficas e etnológicas, que apesar de todas as raças comporem apenas uma espécie humana, de fato, cada povo, cada etnia, cada complexo cultural, encontrou soluções próprias e às vezes completamente opostas, para problemas essenciais – como a subsistência material, as formas de comunicação gestual e verbal, a expressão social de se pertencer a um determinado gênero, a manifestação do desejo erótico.⁵

No que tange à sexualidade humana, para começo de conversa sobre a polêmica questão da identidade homossexual e da educação diferenciada que devem ter os jovens gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais⁶, devemos partir de três postulados fundamentais da Antropologia da Sexualidade, conclusões resultantes de rigorosas pesquisas de campo, tão científicas e verdadeiras quanto a teoria de Galileu sobre o sistema solar, a saber:

A sexualidade humana não é instintiva, mas uma construção cultural

Malinowski, considerado como um dos fundadores da moderna Antropologia, no seu livro *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem*, define claramente o instinto como um comportamento animal ligado a algum mecanismo anatômico, visando a satisfação de alguma função biológica, comum para toda a espécie.⁷ Ora, dois são os postulados fun-

damentais da teoria da cultura: sua diversidade quase infinita e sua peculiaridade. Se a sexualidade humana fosse regida pelo instinto, todos os povos e as distintas gerações de uma mesma sociedade deveriam manifestar uniformidade na exteriorização de seus desejos sexuais. Mas o que se observa é exatamente o contrário: entre nós, herdeiros da tradição abraâmica – que inclui o judaísmo, islamismo e cristianismo – o único exercício sexual permitido é a cópula pênis-vagina entre adultos – e assim mesmo, desde que o casal seja socialmente reconhecido através de algum ritual iniciático. Todas as outras expressões da libido humana – masturbação, zoofilia, homoerotismo, etc – são proibidas, chegando a ser punidas com chicotadas, internação em manicômios ou prisões, condenação à morte na fogueira ou nos campos de concentração.⁸

Embora a maior parte das sociedades humanas possam ser classificadas como heterossexistas, há também exemplos de sociedades homossexualistas. Em diversas tribos da Nova Guiné, como entre os Etoro, por exemplo, a cultura sexual dominante é totalmente oposta à nossa, tanto que todos os adolescentes do sexo masculino devem, obrigatoriamente, durante os “anos de ouro” do desabrochar sexual, praticar relações homoeróticas.⁹ O sexagenário Sócrates, mestre dos principais filósofos gregos, no Brasil contemporâneo teria sido preso por “atentado violento ao pudor”, por manter relações íntimas com o adolescente Alcebíades. Na espécie humana a forma de expressar social e eroticamente a sexualidade é culturalmente determinada – e como tudo que é humano, é temporal e está sujeito a mudança.

A cultura sexual humana varia de povo para povo e se modifica ao longo do tempo dentro de uma mesma sociedade

A diversidade da resposta sexual humana é enorme e extremamente complexa e contraditória em todos seus aspectos e performances. Nem sequer a idéia da existência de apenas dois sexos é universal, pois em diversas tribos da América do Norte, havia espaço institucionalizado para um terceiro sexo – cujos membros desta subcultura sexual passaram a ser conhecidos na literatura antropológica como *berdaches*.¹⁰

Mutilações e modificações dos órgãos genitais, desconhecimento da relação entre cópula e fecundação, crença na existência de sêmen feminino, poligamia poliândrica e poligínica, “*couvade*”, casamento obri-

gatório entre primos cruzados, tabu de incesto entre compadres – eis alguns traços da cultura sexual que variam de cultura para cultura, demonstrando a enorme criatividade dos humanos em explorar este espaço de seu físico, onde a biologia (cromossomas, gônadas, genitália) pode apenas limitar relativamente, mas sem determinar ou uniformizar para toda a espécie, a forma como homens e mulheres vão expressar seus desejos de prazer sexual.¹¹

Esta diversidade sexual se manifesta não apenas em complexos culturais distintos, mas também de forma diacrônica dentro de uma mesma sociedade. E completamos nós: felizmente que nossa cultura sexual não é estática, pois somente porque a sexualidade humana é mutável, e está em movimento, é que podemos planejar sua modificação a fim de torná-la menos repressiva, cruel e discriminatória, como vem acontecendo nos últimos milênios, quando os povos imaginavam que a sexualidade era natural, regida pelo instinto e determinada pelos deuses, fadada portanto a se perpetuar *per saecula saeculorum...* Ledo engano: nossa sexualidade é dialética, pode ser reformada, deve ser discutida e depurada de todos aqueles valores e dogmatismos que impedem o desabrochar pleno de nossas potencialidades individuais e relacionais. Só em sociedades que aceitam a idéia da culturalidade da sexualidade humana é que há terreno para a Educação Sexual, caso contrário, o modelo dominante continua sendo repetir as avoengas mesmices aprendidas na base da palmada.

Não existe uma moral sexual natural universal, portanto, a sexualidade humana é amoral, no sentido que cada complexo cultural determina, por razões subjetivas e nem sempre lógicas, quais comportamentos sexuais serão aceitos ou condenados

Povos que acreditam que o sexo é uma criação divina e que os deuses determinaram o certo e o errado em matéria de prazer erótico, geralmente são muito mais repressivos e hostis a mudanças nos papéis de gênero e nas interações sexuais. Tais culturas via de regra tendem a interpretar seus códigos sexuais como derivados da própria natureza e sabiamente depositados por Deus no âmago da consciência dos mortais. Educação sexual moderna é tratada nestes países como coisa do diabo ou arma do capitalismo internacional para destruir os valores ancestrais.

A pesquisa antropológica comprova exatamente o contrário: como toda manifestação cultural, a sexualidade humana é uma construção social e como tal, embora satisfaça uma necessidade humana básica e universal – a busca do prazer sensual – sua configuração é sempre particular e subjetiva, e sua ética dependente dos valores idiossincráticos da sociedade que a pratica. Por esta razão que a Antropologia afirma que não existe uma moralidade universal e objetiva na espécie humana: pederastia era virtude em incontáveis sociedades históricas, hoje é crime; mutilações clitorianas, vaginais e penianas fazem parte dos rituais de iniciação de milhares de jovens na África e em países arábicos, enquanto no Ocidente tais práticas são ilícitas e condenadas pelos defensores dos direitos humanos.

Nada menos antropológico e mais etnocêntrico do que o discurso do Papa João Paulo II, quando visita nações africanas, e condena a poligamia poligínica e os casamentos de experiência que permitem aos noivos viver como se fossem casados durante alguns meses, confirmando ou desfazendo a união de acordo com o que julgarem ser melhor para suas vidas futuras. Sob a alegação de que a família nuclear é a única natural e abençoada por Deus, ao condenar outras estruturas familiares – como a poligamia, o “casamento homossexual”, o divórcio, etc, a moral cristã simplesmente pretende instituir seus valores como universais, desrespeitando o direito inalienável das diferentes culturas de expressarem-se de forma diversa.

Esta introdução justifica-se porque muitos educadores e pais costumam repetir acriticamente que o sexo foi criado por Deus para garantir a perpetuação da espécie, e que as “ousadias” decorrentes da famigerada revolução sexual foram responsáveis pela surgimento da terrível epidemia do século, a Aids. Esquecem-se que o sexo, até mesmo entre muitas espécies animais, não visa exclusivamente a procriação – pois há incontáveis espécies que praticam o ato sexual tão somente com vistas ao prazer, às vezes até entre espécies diferentes, sem qualquer possibilidade reprodutiva.¹² Esquecem-se também estes moralistas de plantão que a Aids não é castigo divino contra a promiscuidade sexual, tanto que surgiu entre comportadas populações tribais da África central e só depois expandiu-se para as sucursais modernas de Sodoma e Gomorra...

Orientação sexual

A atração sexual humana geralmente é classificada em três direções ou “orientações sexuais” – heterossexual, bissexual e homossexual. Não é muito correto dizer “opção sexual” pois ninguém “optaria” naturalmente por uma expressão sexual tão discriminada e maldita como é a homossexualidade. Os gays e lésbicas são homossexuais não por uma opção seletiva, mas por uma inclinação ou orientação interna, do mesmo modo que quem gosta do sexo oposto não “optou” por tal preferência, mas desde pequeno sentiu aquela atração específica. O termo correto, portanto, para definir a preferência erótica dos indivíduos é “orientação sexual”.

A maior pesquisa sobre sexualidade humana realizada até agora foi dirigida pelo Dr. Alfred Kinsey – o famoso *Relatório Kinsey*, que descobriu que 37% dos homens pesquisados haviam tido pelo menos um orgasmo com o mesmo sexo. Esta pesquisa foi realizada entre brancos norte-americanos em 1948. Imagine só: mais de 1/3 dos pesquisados, numa época muito mais conservadora, já tinham chegado à ejaculação com outro homem. E no Brasil, sociedade menos reprimida e meio século depois, qual a porcentagem de homens nesta mesma situação? Com certeza, maior do que nos Estados Unidos, sim ou não? Pergunte a opinião a um gay seu conhecido.

Kinsey criou uma tabela muito prática para classificar a orientação sexual humana. *A Escala Kinsey*, que vai do zero (hetero) ao seis (homossexual exclusivo); no meio, número três, o bissexual.¹³

- | |
|---|
| <p>0 – <i>Heterossexual exclusivo</i></p> <p>1 – <i>Heterossexual com 1 ou mais orgasmos homossexuais</i></p> <p>2 – <i>Heterossexual com diversos orgasmos homossexuais</i></p> <p>3 – <i>Bissexual</i></p> <p>4 – <i>Homossexual com 1 ou mais orgasmos heterossexuais</i></p> <p>5 – <i>Homossexual com diversos orgasmos heterossexuais</i></p> <p>6 – <i>Homossexual exclusivo</i></p> |
|---|

Cada um de nós ocupa um lugar nesta tabela. Por incrível que pareça, os heteros exclusivos e homos exclusivos são mais incomuns do que se imagina. Raro é o gay que nunca teve alguma “tentação” ou chegou mesmo, ao menos uma vez, ao orgasmo com uma mulher, do mesmo modo como é raríssimo o machão que nunca imaginou ou chegou a realizar ao menos um ato homossexual. A grande maioria das lésbicas teve, no passado, experiências sexuais com homens. E você, leitor, pelas experiências que já teve na vida, se coloca em que número desta escala?

A homossexualidade: mitos e verdades

Para começo de conversa, vamos dar nome aos bois, ou melhor, aos “veados”. Aliás, esta é uma primeira questão: por que apelidaram os homossexuais de veados? É só no Brasil que existe esta associação entre o animal veado e o homossexual: na Europa o veado representa a masculinidade e é até símbolo nacional de alguns países. Será que relacionaram o gay ao veado porque se trata de um bichinho elegante, fino, “fresco”, de andar delicado igual ao Bamby dos filmes de Walt Disney? Ou porque na natureza os veados machos andam sempre juntos e transam entre si? Em Pernambuco chamam os gays de *frango*, no Rio de Janeiro de *boiola*, no Maranhão de *qualira*, no Ceará de *baitola*, na Bahia de *chibungo*. Há mais de 60 nomes diferentes usados pelo povão para descrever tal categoria, quase todos usados mais como insulto do que nome próprio.

A palavra *homossexual* é a mais antiga e significa “*sexo igual*”, sendo portanto aplicável tanto para o homem que transa com homem (gay) como para a mulher que transa com outra mulher (lésbica). É uma palavra universal, criada em 1869 pelo jornalista húngaro K.M. Kertbeny.¹⁴ Portanto, homossexual é quem ama e sente atração pelo mesmo sexo; heterossexual é o contrário: quem gosta do sexo oposto, e bissexual é o que transa com os dois sexos. Existem, portanto, como já vimos, três formas predominantes de *orientação sexual*: a mais praticada que é a heterossexualidade, seguida da bissexualidade e da homossexualidade. A palavra *gay* também é sinônimo de homossexual: é um termo que já existia no português antigo com o mesmo significado atual: gay significa “alegre” – (de gaiato) – muito embora nem sempre os homossexuais

tenham motivo para ser chamados de “rapaz alegre”, tantas são as amarguras que têm de enfrentar nesta sociedade heterossexista.¹⁵

Em linhas gerais, selecionamos alguns pontos básicos sobre a questão homossexual que consideramos importante que todos nós – pais, mães, irmãos, professores e colegas de gays e lésbicas, devemos saber sobre a homossexualidade. Embora as pessoas usem indistintamente os termos homossexualidade e homossexualismo, deve-se dar preferência à palavra homossexualidade, pois se trata de uma expressão da sexualidade, enquanto homossexualismo era sua forma antiga de classificação como “doença”.

Ser homossexual não é crime

Esta é a primeira informação que todo mundo deve saber. Não existe no Brasil nenhuma lei que condene os gays, lésbicas e travestis. Ninguém pode ser preso por ser homossexual. Nem o Código Penal nem a Constituição Federal condenam a homossexualidade. O preconceito e a discriminação, sim, são proibidos pelas leis brasileiras. Se algum policial, autoridade ou qualquer pessoa insultar, agredir, prender ou discriminar algum cidadão por ser gay, lésbica ou travesti, deve-se reagir e denunciar na delegacia mais próxima ou nas Comissões de Direitos Humanos, nos jornais ou junto ao grupo homossexual mais próximo. A Constituição Federal proíbe “qualquer preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”¹⁶, portanto, criminosa não é a prática do homossexualismo, mas a discriminação anti-homossexual, tanto que em 74 cidades brasileiras, incluindo nossas capitais mais populosas, as Leis Orgânicas Municipais proíbem expressamente a discriminação por “orientação sexual”, sendo que em Salvador, Porto Alegre e Foz do Iguaçu existem pesadas multas punindo tais condutas discriminatórias¹⁷;

Homossexualidade não é doença

Muita gente ignorante afirma que todo homossexual é um doente físico ou mental. A Ciência diz o contrário: é normal ser homossexual. O próprio Freud declarou: “A homossexualidade não é nada que alguém deve envergonhar-se. Não é vício nem degradação. Não pode ser considerada doença!”¹⁸ Desde 1985 o Conselho Federal de Medicina, e desde 1990, a própria Organização Mundial de Saúde retiraram o homossexualismo da Classificação Internacional de Doenças, de tal sorte que a homossexuali-

dade é entendida como uma expressão sexual tão normal, natural e saudável quanto a bissexualidade e a heterossexualidade. Portanto, só o preconceito baseado na intolerância justifica a tentativa de pais e educadores tentarem “curar” ou reprimir a tendência homossexual dos jovens e adolescentes.¹⁹ Todas as Ciências confirmam: nada distingue um gay ou lésbica dos demais cidadãos, a não ser que os homossexuais amam o mesmo sexo, enquanto os heterossexuais preferem o sexo oposto, e os bissexuais curtem os dois sexos. Como a homossexualidade não é crime nem doença, impedir alguém de realizar sua verdadeira orientação sexual é tirania, crueldade, abuso do poder e desrespeito aos direitos humanos. Nunca pratique nem seja cúmplice desta abominável discriminação. A Ciência e as Leis estão do lado dos homossexuais!

Nas últimas duas décadas as principais Associações Científicas norte-americanas e brasileiras, entre elas a nossa Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e a Associação Brasileira de Antropologia aprovaram uma série de resoluções, que são unânimes em afirmar e garantir que nada distingue os homossexuais dos heterossexuais, a não ser a orientação do desejo sexual, nada distinguindo gays e lésbicas dos demais cidadãos relativamente à capacidade intelectual, honestidade e demais valores sociais.²⁰

Homossexualidade não é pecado

Apesar de muitos pastores e padres dizerem o contrário, Jesus Cristo não falou sequer uma palavra contra os gays e lésbicas. Quando algum crente diz que homossexualismo é pecado, deve-se solicitar que mostre nos Evangelhos qualquer condenação do Filho de Deus aos homossexuais. Jesus condenou, sim, os hipócritas, os ladrões, os mentirosos e intolerantes. Cada vez mais, importantes teólogos e estudiosos da Bíblia confirmam que também os homossexuais foram criados por Deus, pois nasceram assim do ventre materno (Mateus, 19-12). E que todas aquelas passagens bíblicas que são citadas contra os homossexuais, ou foram mal traduzidas ou mal interpretadas. Muitas religiões, desde o tempo dos Gregos até os Orixás, respeitam os homossexuais, abençoam suas uniões e têm até divindades que praticam esta forma de amor. Aquelas religiões que discriminam os gays devem ser denunciadas, pois desobedecem nossa Constituição e a Declaração Universal dos Direitos Humanos.²¹

Homossexualidade sempre existiu

Antes mesmo de ter sido escrita a primeira linha da Bíblia, já existiam documentos, no antigo Egito, com mais de dois mil anos antes de Cristo, que descrevem relações sexuais entre dois deuses e dois homens. O poeta Goethe dizia que a homossexualidade é tão antiga quanto a própria humanidade e mesmo na Bíblia há exemplos de casos homossexuais, como a paixão do Santo Rei Davi por Jônatas. Homossexualidade não é sinal de decadência, nem leva os povos à ruína. Prova disto é a Grécia Clássica, que teve seu momento de maior glória e grandeza exatamente quando a pederastia era muito praticada e respeitada. Não há fogueira da Inquisição, nem pedrada do Levítico, nem Aids que consiga acabar com o amor entre pessoas do mesmo sexo.²²

Todos os povos praticam a homossexualidade

Não foram os brancos que inventaram esta forma de amor.²³ Quando os europeus chegaram no Novo Mundo encontraram aqui diversas tribos indígenas onde os gays eram muito numerosos e respeitados. Nossos índios chamavam os gays de *tibira* e as lésbicas de *sacoaimbeguira*. Em Angola os homossexuais eram chamados de *quimbanda* e na língua yorubá de *adé*. Na linguagem popular os gays são chamados *monas* e as lésbicas de *bibas*. A maioria das sociedades humanas do passado e do presente respeitam os homossexuais. Conforme já citamos, pesquisas antropológicas indicam que 64% dos povos são favoráveis ao homoerotismo e 36% são hostis. Infelizmente fazemos parte desta minoria de povos que discriminam os homossexuais. Os cientistas deram um nome a esta aversão à homossexualidade: *homofobia*. Homofobia é ódio irracional e intolerância à homossexualidade. É uma doença antisocial como o machismo e o racismo. Homofobia é doença que se cura com a informação e punição daqueles que desrespeitam os direitos humanos dos homossexuais.²⁴

A homossexualidade é natural

Os animais também praticam o homossexualismo. Segundo a Zoologia, desde os percevejos, até as baleias, passando pelos veados e rolinhas, em todo o reino animal, existem relações sexuais de macho com macho e de fêmea com fêmea. Portanto, dizer que o homossexualismo é antinatural ou vai contra a natureza, é ignorância.

70 • Luiz Mott

Dizer também que os homossexuais ameaçam a sobrevivência da espécie humana é burrice, pois há evidências históricas e antropológicas comprovando que mesmo naquelas sociedades ultra favoráveis às práticas homossexuais, nem por isto tais povos sumiram do mapa. Mesmo liberando-se o homossexualismo, sempre haverá um número superior de pessoas que vão preferir o sexo oposto. O Relatório Kinsey descobriu que mais de um terço dos homens já tiveram ao menos um orgasmo com parceiros do mesmo sexo, embora os homens exclusiva e predominantemente homossexuais representem por volta de 10% da população do Ocidente. Portanto, no Brasil, deve existir mais de 16 milhões de homossexuais, população uma vez e meia superior aos habitantes dos 7 estados da região Norte do país.

A causa da homossexualidade é um mistério

Até hoje, por mais que se pesquise, ainda não chegaram os cientistas a uma conclusão definitiva para explicar a origem da homossexualidade. As teorias que tentaram explicar as causas da tendência homossexual por razões biológicas, genéticas, glandulares, psicológicas, sociais, todas são insuficientes e muitas vezes, umas contradizem as outras. De certo só se sabe uma verdade: que o homossexual é tão normal como os demais cidadãos. Nada distingue o gay e a lésbica dos demais homens e mulheres, a não ser que os homossexuais gostam do mesmo sexo, e os heterossexuais não. E gosto não se discute! Mais importante do que procurar as causas do homossexualismo, é buscar as causas da “homofobia” e lutar contra o preconceito e a discriminação anti-homossexual. As causas da homossexualidade são as mesmas da heterossexualidade, já que entre os humanos não é o instinto que determina a atração sexual, mas a preferência individual: tudo depende de gosto pessoal, de maior identificação com o objeto amado. Se todos gostassem só do azul, o que seria da cor-de-rosa? No mundo há lugar para todas as cores, por isto é que o arco-íris tornou-se o símbolo internacional do movimento homossexual.

A homossexualidade não é sinônimo de cópula anal

Muita gente imagina que numa relação homoerótica sempre tem de ter um que “come” o outro, ou uma que domina a outra. Ledo engano.

Tem muito gay que não gosta de “dar” nem de “comer”, mantendo relação frente a frente com o parceiro, sem essa de ativo e passivo, macho e fêmea. O sexo não tem sexo! O ser humano não é regido pelo instinto, e sexo também é cultura, invenção, imaginação. É importante lembrar que o sexo não se destina apenas à reprodução, mas ao prazer, à união, amor e amizade entre os amantes, seja de que sexo forem. Se para a reprodução natural é necessária a penetração, para o amor não. E com o aparecimento da Aids, é preciso estar bem informado sobre algumas verdades relacionados ao homoerotismo: primeiro, que a Aids não é uma doença de gays, pois surgiu entre os heterossexuais e pode pegar em qualquer pessoa. Segundo, a Aids só se transmite através do sangue, esperma e secreções vaginais, de modo que em qualquer relação sexual deve-se evitar que tais líquidos, o esperma, o sangue e as secreções vaginais entrem no próprio corpo ou no parceiro. Penetração, só com camisinha! Pode-se praticar o “*sexo mais seguro*”, evitando a troca destes líquidos. Beijar, abraçar, acariciar, masturbação individual ou recíproca, tudo isto dá prazer, leva ao orgasmo, sem oferecer risco de contaminação pelo HIV, o vírus da Aids.

Gays, lésbicas e travestis célebres

Os donos do poder sempre procuraram destruir a história dos oprimidos como uma forma de impedir que imitassem seus heróis, tivessem orgulho de sua condição e reivindicassem igualdade de direitos. Os negros têm seus ídolos, as mulheres, seus modelos. Também os gays e lésbicas têm seus heróis. Uma das provas mais evidentes de que a homossexualidade não é doença ou algo desprezível é a quantidade de celebridades na história humana que foram praticantes do “*amor que não ousava dizer o nome*”. Mesmo vivendo em épocas em que o homossexualismo era castigado como crime, ninguém conseguiu destruir a paixão de ilustres homoeróticos. Eis uma lista de apenas 10 celebridades que amaram o mesmo sexo: Sócrates, Alexandre Magno, Santo Agostinho, Leonardo Da Vinci, Miguel Ângelo, Shakespeare, Fernando Pessoa, Santos Dumont, Oscar Wilde, Pasolini. Agora dez mulheres que amaram outras mulheres: Safo, Cleópatra, Maria Antonieta, Catarina da Rússia, Cristina da Suécia, Imperatriz Leopoldina, Marguerite Yourcenar, George Sand, Martina Navratilova, Ângela Rorô, etc.

Tipologia dos homossexuais no Brasil

Do mesmo modo como acontece entre os “heteros”, que incluem tanto o machão como homens mais delicados, também entre os “homos” há grande diversidade de comportamentos, estilos de vida e estereótipos. Ser gay não é sinônimo de efeminação, e nem toda lésbica comporta-se como mulher-macho.

Entre os homossexuais do sexo masculino no Brasil podemos perceber três grandes grupos: gays, travestis e bofes. Para esta classificação seguimos a tradição antropológica de utilizar os próprios termos classificatórios da população alvo, pois esta taxinomia é a que dá melhor conta para entender esta complexa realidade sexológica.

Gay é o termo universal preferido pelos homossexuais do mundo inteiro. Embora usado mais como identificação dos homoeróticos masculinos, algumas mulheres também se auto-intitulam “gay”, entre elas Martina Navratilova e nossa cantora Marina Lima, que em entrevistas se rotularam de “gay”. Hoje as homossexuais femininas cada vez mais preferem o termo “lésbica”, em homenagem à mais famosa “entendida” da Antigüidade, Safo de Lesbos.²⁵

Os gays, popularmente conhecidos por “bichas”, se dividem em 4 grandes grupos: os *enrustidos*, os *assumidos*, as chamadas *bichas fechativas* e os *militantes*. Atenção: as “minorias sociais” às vezes usam entre si certos termos que, se empregados por gente de fora, podem ser considerados insultos. Por exemplo: um negro pode chamar familiarmente o outro de “negrão”, mas se um branco usar este termo, poderá ser considerado agressivo. A mesma coisa entre os homossexuais: muitas vezes, quando um gay encontra o outro, informalmente, costumam se tratar entre si de “amiga”, “bicha”, “viado”, termos que se usados pelos “da outra banda”, podem ser recebidos como insultos. Portanto, no convívio com homossexuais, é fundamental aprender quais os termos e categorias adotados dentro da “comunidade”, para evitar “mal-entendidos”... Os espaços urbanos mais freqüentados pelos homossexuais também são chamados de “gueto gay”, incluindo bares, boates, saunas, hotéis, etc.

Se os homossexuais representam aproximadamente 10% da população do Brasil, os *enrustidos*, também chamados de *incubados*, devem ultrapassar 90% dos homossexuais deste país. Entre os *enrustidos* estão muitos gays que freqüentam boates, saunas e bares gays, mas que não

são assumidos em casa, no trabalho ou no bairro. O motivo porque continuam “na gaveta” varia de pessoa para pessoa: ou porque vivem com a família, e os pais não aceitam; ou porque se o patrão é preconceituoso e se souber, vai mandar embora; ou por que se os irmãos da igreja descobrirem vão expulsá-lo, etc, etc.

Cada um tem seus motivos para não se assumir, embora muitas destas razões poderiam ser superadas, “para o bem de todos e felicidade geral da nação”, pois em muitos casos, todo mundo sabe que o enrustido é gay, mas continuam fazendo aquele joguinho hipócrita: “eu finjo que não sou e você finge que não sabe”. E a mentira e falsidade continuam. Assumir, em muitos casos, representa o fim do medo da chantagem, e uma nova vida de cabeça erguida e mais feliz, contudo, não é papel do professor nem dos familiares dar opinião ou receita sobre quando ou quanto cada homossexual deve se assumir. Seu papel é transmitir-lhes a informação de que faz parte dos direitos humanos de todo cidadão ter sua orientação sexual respeitada. E que numa sociedade livre e civilizada, ninguém é obrigado a viver clandestinamente sua sexualidade, nem tampouco é obrigado a estar divulgando para todo mundo quais suas preferências eróticas, simplesmente porque ninguém pode ser discriminado por amar de forma diferente da maioria.

Entre os *enrustidos* há os *bissexuais* que são casados e que levam vida dupla, procurando gays, michês ou travestis para suas transas esporádicas. Portanto, dentro da categoria dos “enrustidos” encontra-se tanto o *entendido* que é exclusivamente gay, que tem uma identidade homossexual, que não é casado nem pretende se casar com mulher, mas que só é assumido dentro do “gueto gay” (bares, boates, saunas), como há também o pai de família, ou o noivo, que vive nos dois mundos.

A segunda categoria dos gays são os *assumidos* – aqueles que saíram da “gaveta” e não negam a própria homossexualidade.

Os assumidos se dividem em *bichas fechativas*, *entendidos*, e *militantes*. Os mais visíveis são aqueles que o povo chama de “bicha louca” – rapazes efeminados ou “desmunhecados”, que não têm como esconder sua “androgínia psicossocial”, e que se distinguem dos travestis porque não se vestem de mulher, embora alguns adotem nomes femininos, se chamem entre si de “monas”, “mulher”, etc. “Fechativa” ou “fechação” vem “fechar”, que no vocabulário gay, ou no “bichonário” é sinônimo de “dar bandeira”, exhibir-se, “arrasar”. A bicha fechativa é

certamente a categoria homossexual que sofre maior discriminação e violência, exatamente por se situar, indefinidamente, na fronteira entre o macho e a fêmea. Há travestis que dizem ter sofrido mais violência nas ruas quando eram “bichinhas” do que depois que vestiram saia. Geralmente as *bichas fechativas* não transam entre si, repudiam o que chamam de “quebra louça” – dois gays manterem relação de igual para igual, sem definição de macho e fêmea. Elas estão sempre à procura do *bofe super-macho, do homem de verdade...*

Entre os assumidos que necessariamente não desmunhecaram estão os “entendidos”: homens ou rapazes que gostam de transar com outros gays iguais a si, que têm identidade homossexual e que decidiram dar um passo crucial em suas vidas: sair do armário. Passo corajoso, pois como muitos dizem, “é preciso ser muito macho para ser gay” numa sociedade machista que considera o homossexual como o ser mais desprezível de toda a fauna humana. Geralmente vivem independentes de suas famílias, trabalham em locais onde há tolerância à sua homossexualidade e onde são identificados como gays.

Dentre os assumidos, há uma pequenina minoria constituída pelos gays *militantes* ou *ativistas*, membros de algum grupo de defesa dos homossexuais, e que além de terem identidade homossexual, e mostrarem a cara em qualquer lugar, inclusive nos jornais e televisões, são uma espécie de sindicalistas ou propagandistas dos direitos civis dos homossexuais. Praticamente todo gay militante é também um ativista na prevenção da Aids, pois os grupos homossexuais foram as primeiras ONGs a iniciar a prevenção da Aids em todo o mundo, inclusive no Brasil.

As *Travestis*²⁶ constituem a segunda categoria dos homossexuais. Lembrando: dividimos os homossexuais em três grandes grupos: gays/travestis/bofes. Agora é a vez das “travecas”.

É a categoria menos numerosa de homossexuais do Brasil: todas juntas não devem ultrapassar 8 mil pessoas. Parece que são mais numerosas porque são mais visíveis e chamam mais a atenção em qualquer lugar onde estão.

As travestis também se subdividem em 4 tipos principais: 1] aqueles travestis que só se vestem de mulher para fazer show em boate gay, e que preferem ser identificados como transformistas, e que fora do palco, durante o dia, são simplesmente gays; alguns *fazem pista* esporadicamente; 2] há também alguns que se “montam” de mulher só de

noite, para “batalhar” ou “fazer pista”, mantendo em segredo esta dupla vida: “de noite é Maria, de dia é João”...Estes dois tipos raramente fazem alterações femininas definitivas em seus corpos, pois socialmente vivem como rapazes; 3] as travestis de pista formam a categoria mais volumosa. Rara é a cidade com mais de 300 mil habitantes que não tenha um ou dois *rapazes de peito* profissionais do sexo. Em João Pessoa tem uns 20, em Salvador 200, no Rio de Janeiro e S.Paulo, mais ou menos uns dois mil em cada cidade. Muitos feminilizaram seus corpos graças ao consumo prolongado de hormônios ou aplicação de silicone; vivem dia e noite vestidos de mulher, têm nomes femininos, a maioria aluga *quartinhos em pensões humildes* na área de prostituição. Muitas travestis participam da mesma subcultura da violência que domina o submundo da prostituição, sendo vítimas e autoras de agressões, roubos, etc. Atendem de 3 a 10 clientes por dia, seja em seus *quartinhos*, seja no carro das “mariconas” (como elas chamam seus clientes mais velhos bissexuais ou gays), ou em pensões e motéis. As travestis de pista têm como clientes uma ampla variedade de homens e rapazes, que inclui além das “mariconas” (executivos de meia idade, homens casados, geralmente proprietários de carro), vigilantes noturnos, taxistas, policiais, marginais, “boyzinhos”, etc. (As transexuais, diferentemente da maioria dos travestis, são inconformados com sua genitália, e além de terem total identidade com o sexo oposto, se possível gostariam de submeter-se à cirurgia de mudança de sexo.)

A última categoria de praticantes do homoerotismo – além dos gays e travestis, é constituída pelos “bofes” – que são homens e rapazes com aparência masculina, que não se assumem gays e que de vez em quando, ou freqüentemente, transam com gays e/ou travestis. Há o bofe que por curiosidade transou uma ou duas vezes, e que não gostou e se definiu depois heterossexual exclusivo. Seria o número 1 da Escala Kinsey. Há o bofe-bissexual, que gosta de transar igualmente com gay e com mulher, sem interesse comercial. Há também o bofe profissional, que pode ser o rapaz de programa, que só de vez em quando transa com um gay em troca de dinheiro ou de presentes, mas não vive disso. E há ainda o bofe profissional, chamado de *michê*, caçador, taxi-boy, que vive da prestação de serviços homoeróticos, seja na rua, nos locais de pegação, seja atendendo por telefone, através das agências de encontros ou saunas, onde alguns se apresentam como massagistas.

A aparência viril destes prostitutas não significa que sejam sempre “ativos” ou “machões” no ato sexual: alguns cobram mais caro quando são passivos, do mesmo que os travestis exigem preço mais alto quando têm de ser ativos. Infelizmente, muitos michês e rapazes de programa se enquadram no que os psicanalistas chamam de “homossexuais egodistônicos” – isto é, que o seu ego está fora de sintonia com seu desejo erótico. Praticam o homoerotismo mas não se aceitam, desprezam os homossexuais, alguns são agressivos e chegam até a matar seus parceiros sexuais. Numa lista de mais de 1600 gays assassinados nos últimos 17 anos no Brasil, 25% dos assassinos foram identificados como “michês”.

Estas são, portanto, as principais categorias de homossexuais existentes no Brasil: como toda classificação, esta também é limitada, pois a realidade cultural é muito mais diversificada do que a síntese aqui apresentada. Serve mais como ponto de referência para os educadores sexuais disporem de uma visão de conjunto das diferentes categorias de homossexuais e para pesquisarem em sua cidade e estado em que medida a realidade coincide ou não com esta tipologia.

Educação sexual e homossexualidade

Falar de educação diferenciada para jovens homossexuais no Brasil pode parecer para alguns mais conservadores provocação de um antropólogo gay assumido desejoso de fazer proselitismo de sua orientação sexual. Para acalmar os educadores mais temerosos, começo esclarecendo algumas premissas que alicerçam tais proposições.

A Dra. Marta Suplicy, uma das mais conceituadas sexólogas do Brasil, costuma enfatizar sempre que a homossexualidade não é uma *opção*, do mesmo modo como ninguém *optou* pela heterossexualidade.²⁷ Simplesmente, a criança ou o jovem começa a sentir atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto, ou pelos dois, atração que pode ser extensiva também ao cachorrinho, a uma galinha ou até a uma bananeira. Há um certo consenso entre os estudiosos da psicologia infantil em situar entre os 5 e 6 anos a idade em que começa a se definir nossa orientação sexual – e se fosse possível isolar um grupo de crianças de qualquer mensagem modeladora de seu papel de gênero – certamente haveria um número equilibrado de homos, heteros e bissexuais. Em nossa sociedade, marcadamente heterossexista, o que ocorre é exatamente o

contrário: as únicas imagens e mensagens bombardeadas na socialização formal e informal das novas gerações é a do casal heterossexual. O menino e a menina com desejos afetivo-sexuais predominantemente voltados para o mesmo gênero, sentem-se perdidos e oprimidos neste mundo que rotula seus sentimentos mais íntimos e queridos com palavras insultuosas: “descaração”, “sem-vergonhice”, “pouca-vergonha”, “frescura”, “pecado mortal”. Proust expressou de forma magistral o estigma homofóbico dominante em nossa tradição judaico-cristã: “Raça sobre a qual pesa a maldição e deve viver na mentira e no perjúrio, visto que sabe ser tido por punível e vergonhoso, por inconfessável, seu desejo, o que faz para toda criatura a maior doçura de viver.”²⁸

Permita-me o leitor citar minha própria história de vida, pois faço parte dos 10% da população infanto-juvenil que foi vítima de cruel violência sexual: fui estuprado psicologicamente. Não sofri violência sexual física, mas durante toda minha infância e adolescência, fui emocionalmente torturado dia após dia. Várias vezes por dia. E o pior de tudo, pessoa alguma jamais manifestou o menor apoio, solidariedade ou compaixão com aquele menininho que, desde que chegou à idade da razão, se deu conta que era diferente de seus irmãos, primos e coleguinhas. Eu era mariquinha!

Ainda nem pensava em sexo e já carregava o peso insuportável da discriminação: a molecada me xingava de *mulherzinha*! Eu era e me sentia diferente. Em vez de jogar futebol, preferia ficar sentado do lado de minha avó, ouvindo suas conversas com as amigas. As roupas de mulher me fascinavam. Certa vez uma de minhas irmãs reprovou meu novo penteado: “cabelo dividido no meio é coisa de almofadinha”. Fui obrigado a pentear o cabelo para trás. Aos 8 anos recebi enorme bronca por ter passado “rouge” no rosto. Era forçado a ir jogar futebol como antídoto à minha incontrolável efeminação. Embora adorasse brincar de casinha e, sobretudo, fazer comidinha, internalizei a homofobia dominante em nossa sociedade heterossexista: não aceitava a possibilidade de ser homossexual.

Ao entrar na adolescência e começar sentir atração sexual não por meninas, mas por rapazes, sufoquei essa maldita tendência, suplicando a Nosso Senhor que me livrasse dessas tentações diabólicas. Como tantos outros jovens homossexuais, chorei muito, inconformado com esta maldição irrefreável, que era alvo de tantos insultos e humilhações.

Pensei várias vezes em suicídio.²⁹ O pior de tudo era a falta de luz neste poço de solidão: ninguém que me esclarecesse sobre este desejo que se tornava cada vez mais forte, nenhum modelo positivo que me servisse de inspiração: ao contrário, minha maneira natural de ser e de me afirmar como ser humano era considerada por todos como pecado, descarração ou anormalidade.

Estima-se que uma em cada quatro famílias abriga em seu seio um filho homossexual.³⁰ Segundo os especialistas em sexualidade humana, todos somos originalmente bissexuais – cabendo à moral dominante a canalização de nossa libido apenas para uma direção – a heterossexualidade. Fazemos parte de uma sociedade intolerantemente heterossexista: só é legítimo e permitido o sexo do tipo “papai-mamãe”, todas as demais expressões eróticas são pecado, crime ou tratadas como aberração.

A intolerância anti-homossexual no Brasil não fica nada a dever às torturas inquisitoriais: nos arquivos do Grupo Gay da Bahia há dezenas de registros de meninos e adolescentes que sofreram todo tipo de violência física quando seus pais descobriram que eram *viados*: humilhação, insultos, espancamento, expulsão de casa. Um destes levou uma surra tão forte de seu pai, na frente da vizinhança, que teve de ir para o pronto-socorro, para engessar um braço; outro, ao ser surpreendido fazendo *troca-troca* com um coleguinha, sua mãe preparou um molho de pimenta malagueta, misturou numa garrafa de refrigerante e com pressão do gás meteu dentro do ânus do pobrezinho, repetindo a mesma sentença ainda hoje proferida pelo Brasil a fora: “prefiro um filho morto do que bicha!”. Certa feita recebemos a visita de Alex, um mini-travesti de 12 anos, que fugiu de casa após uma surra com cipó de caboclo, e que encontrou na prostituição a única saída para não morrer de fome.

Já é tempo de se abandonar esta barbárie e estancarmos tamanha violência contra os jovens homossexuais. Neste sentido, o *Estatuto da Criança e do Adolescente* permite uma leitura mais humanitária e menos homofóbica, podendo se tornar instrumento legal na defesa da livre orientação sexual dos jovens. Pretender “curar” um filho gay ou uma filha lésbica fere um direito humano fundamental: a livre orientação sexual. Se a homossexualidade não é doença ou crime, porque impedir aos jovens homossexuais o livre exercício de sua identidade existencial? “A criança e o adolescente têm o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas” (*Artigo 15*). Humilhar, insultar

ou castigar uma criança ou adolescente simplesmente porque demonstra tendência homossexual é um acinte contra o artigo 17 do *Estatuto* quando garante: “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade e da autonomia”. Impedir que crianças e adolescentes desenvolvam livremente sua orientação homossexual viola o artigo 18 do mesma Lei quando determina: “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

Portanto, urge que os órgãos governamentais competentes, ao lançar a *Campanha Nacional de Combate à Violência contra a Criança*, condenem não apenas a exploração sexual e prostituição infanto-juvenil, mas também o estupro psicológico e as intimidações e violências físicas praticadas contra os jovens homossexuais. Educação sexual científica nas escolas e punição dos homófobos é um primeiro passo para se corrigir tais abusos. Afinal, a Constituição Federal estipula como um dos objetivos fundamentais da República “lutar contra todas as formas de preconceitos”. E a homofobia, comprovadamente, é ainda o principal preconceito existente em nossa sociedade. A livre orientação sexual infanto-juvenil também é direito humano fundamental !

Dicas de como assumir-se homossexual

Certamente muitos professores e inumeráveis famílias tiveram de enfrentar a dramática situação de conviver com um jovem homossexual. Digo situação dramática porque, de fato, numa sociedade violentamente heterossexista – onde até defensores dos direitos humanos chegam ao cúmulo de referir-se à homossexualidade como “aberração”, “falta de vergonha” e “cachorrada”³¹, ter um gay, lésbica ou travesti dentro de casa ou numa sala de aula, dá motivo a cruéis manifestações de preconceito e discriminação. Há registro de casos de meninos pré-adolescentes efeminados em Santa Catarina e na Bahia que foram esmurrados por seus colegas e tiveram de ser medicados no pronto-socorro, tamanho o ódio homofóbico despertado no meio escolar.

Muitos educadores costumam colocar esta questão: “Tenho um aluno homossexual na sala de aula: como devo agir?”

A primeira atitude é não se surpreender nem fazer escândalo: o homoerotismo sempre existiu, sobretudo entre adolescentes. O estranho seria a ausência de estudantes com tendência ou conduta homossexual. Procure ganhar a confiança do aluno (a) para que sinta em você um aliado (a) com quem pode se abrir e ter solidariedade no caso de ser discriminado.

A segunda medida mais inteligente e respeitadora dos direitos humanos é oferecer apoio no caso de perceber que o aluno ou a aluna demonstram necessitar este tipo de atenção. Tais jovens geralmente vivenciam profundos conflitos pessoais e sociais, pois costumam ser rejeitados pela família e pelos colegas. Ser gay ou lésbica não é um problema em si, nem reflete necessariamente transtornos familiares ou desajuste psicológico. O problema é a intolerância dos outros – que, como os racistas, oprimem quem não é igual a si.

Professores e familiares devem proteger sempre o jovem homossexual contra agressões físicas e verbais. Os abusos e tratamento violento devem ser denunciados e punidos: os gays, lésbicas e travestis devem ter sua privacidade e liberdade respeitadas. A livre orientação sexual dos jovens é também um direito humano fundamental. Urge que os demais alunos sejam sensibilizados a fim de serem solidários com seus colegas “diferentes” – sejam membros de minorias raciais, sexuais ou ostentem deficiência física.

É importante que pais e educadores conheçam os endereços de entidades e organizações que possam servir de apoio na definição da orientação sexual dos jovens. O adolescente inquieto com sua homossexualidade prefere geralmente conversar com pessoas fora de seu meio familiar, escola ou igreja. Se não tiver guias confiáveis e responsáveis, poderá optar por experiências em lugares anônimos, perigosos e marginais. Também no Brasil, nas principais capitais, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, já existem grupos específicos de apoio para gays, lésbicas, travestis e transexuais, além de grupos de ajuda ligados às ONGs (Organizações não-Governamentais) que trabalham na prevenção da Aids e dos Direitos Humanos.

Nestes tempos bicudos em que um vírus mortal e ainda incurável está escondido atrás de qualquer relação sexual, é fundamental que todos os jovens, sobretudo os homoeróticos, estejam bem informados sobre Aids e DST, pois a informação e a prevenção são os únicos remédios contra as enfermidades sexualmente transmissíveis.

Seguem algumas sugestões de como um jovem gay, lésbica ou travesti, que deseja assumir sua própria homossexualidade, deve proceder para evitar maiores problemas em relação à sua família e ao meio social onde vive.³² Pais, familiares e professores devem conhecer esta realidade, discuti-la com jovens que revelem tendência ou suspeitem que são homossexuais. Uma educação sexual científica e humanitária não pode varrer para debaixo do tapete os adolescentes homossexuais.³³

O texto a seguir destina-se a jovens gays e lésbicas que se encontram prestes a dar um passo fundamental em suas vidas: “sair da gaveta” (*coming out*). Deve ser lido com atenção, discutido ponto a ponto para se evitar algum passo em falso, que pode causar sérios danos na vida presente e futura do jovem em questão. Um psicólogo ou psicanalista bem informado e consciente de que seu papel não é ser “cão de guarda da moral dominante”,³⁴ mas auxiliar seus clientes a encontrarem sua felicidade e realização existencial, pode ajudar o jovem homossexual a enfrentar com menos traumas sua “opção” de assumir a própria homossexualidade. Muitas vezes, os mais velhos é que necessitarão de acompanhamento psicológico e não tanto o jovem gay ou lésbica. Compreensão e diálogo são ingredientes indispensáveis nestas situações existenciais tão dramáticas. A moderna Educação Sexual não pode ignorar tal problemática. Afinal, são mais de 10% de jovens brasileiros vítimas da violência homofóbica.

O que um jovem deve pensar, discutir e realizar antes de se assumir homossexual

Você está bem seguro que é homossexual?

Se você ainda está confuso, se tem dúvidas se é mesmo gay ou lésbica, é melhor dar mais um tempo, pois a confusão de sua cabeça pode provocar confusão ainda maior na cabeça das outras pessoas, sobretudo em sua família. Nunca assuma sua homossexualidade como forma de agressão ou vingança, num momento de raiva. Uma decisão tão importante tem de ser bem planejada.

Como se assumir?

Primeiro faça amizade com alguns gays ou lésbicas já assumidos. Troque idéias com outros homossexuais sobre como eles vivem, como se assumiram, das vantagens de deixar de ser enrustido. Freqüente um pouco o ambiente homo para ver com qual dos diversos modelos de vivência gay e lésbica você se identifica mais. Procure fazer boas amizades, pois diz o ditado popular: “diz-me com quem andas, que direi quem és...” Não faça nada de que vá se arrepender mais tarde. “Para mim, a homossexualidade foi uma bênção”, dizia o escritor Jean Genet. Dependendo de você fazer de seu futuro enquanto homossexual uma bênção ou uma desgraça.

Você se sente satisfeito com seu homoerotismo?

Se ainda tem sentimentos de culpa, se acha que está errado, que sua forma de amar é pecado e se tem períodos de depressão, é melhor resolver primeiro estes problemas: assumo-se mais em outros ambientes antes de abrir o jogo com a família. Para enfrentar esta barra, você precisa estar muito seguro e ter uma auto-imagem bem positiva de sua própria homossexualidade. Auto-estima é indispensável para ser feliz.

Você conta com o apoio de alguém?

É fundamental que você conte com a compreensão de algum parente ou amigo próximo da família, que possa acalmar seus pais se a reação deles for devastadora. Esta pessoa é também importante para lhe dar apoio emocional para enfrentar essa nova situação de vida. Discutam todos os detalhes, as reações previsíveis de ambas as partes, e se achar prudente, esteja com esta pessoa amiga por perto no momento da revelação de seu *segredo*.

Você tem bons argumentos sobre a homossexualidade?

Isto é muito importante, pois a maioria das pessoas, inclusive nossos parentes, têm medo ou ódio dos homossexuais (assim como têm preconceito racial) porque nunca souberam a verdade sobre esses temas. Você deve ter as respostas certas para substituir a ignorância do preconceito pela verdade dos fatos. Solicite ao Grupo Gay da Bahia os folhetos: “10 Verda-

des sobre a Homossexualidade”, “O que todo Cristão deve saber sobre Homossexualidade” e o “ABC dos Gays”, onde encontrará resposta para as principais dúvidas/críticas sobre sua nova vida. Ou então, entre em contacto com o grupo homossexual mais próximo de sua cidade e solicite material educacional para você e para seus pais.

Qual o melhor momento de revelar que é homossexual?

Se você avalia que sua família poderá ficar muito abalada ou que talvez não aceitarão sua opção homossexual, infelizmente, é melhor continuar “fingindo que não é, e eles fingindo que não sabem”. Se você acha que eles primeiro vão condenar, depois vão aceitar, escolha então uma ocasião em que a família estiver tranqüila, sem doenças graves ou mortes próximas. O importante é demonstrar que a única coisa que vai mudar no seu relacionamento familiar a partir de agora, é que você deixará de viver na clandestinidade, continuando a mesma vidinha de amor e respeito como antes da revelação. Tranqüilize-os que você não viverá de escândalos, nem de prostituição e que sabe como se cuidar contra a AIDS.

Você depende de sua família?

Se você é jovem e depende dos pais, talvez seja melhor esperar para se assumir quando tiver seu próprio salário e moradia independente. Contudo, caso decida abrir o jogo ainda morando com sua família, não aceite de forma alguma que eles o expulsem de casa ou imponham qualquer castigo ou repressão. Você não pediu para nascer gay, homossexualidade não é crime nem doença e você deve exigir que seja respeitado. Afinal, se alguém está errado não é você e sim quem discrimina os gays e lésbicas. Nestes casos, dramatize a situação, lembrando que famílias que rejeitam seus filhos homossexuais estão empurrando estes jovens para a marginalidade e prostituição, e que, expulso de casa, você corre muito maior risco de pegar Aids, etc, etc.

Seja paciente...

Se seus pais são muito conservadores e moralistas, e se não desconfiavam de nada, certamente precisarão de mais tempo para se acostumarem com a idéia de ter um filho gay ou uma filha lésbica. Isto pode levar meses ou até anos. Se para você é muito importante manter

84 • Luiz Mott

bom relacionamento com a família, então, além de ser paciente, evite qualquer conversa ou atitude que possa aumentar a vergonha ou a raiva que passaram a sentir por você. Não entre em detalhes sobre sua vida íntima, só leve algum amigo ou amiga homossexual à sua casa se tiver certeza que isso ajudará a família a aceitá-lo melhor. Levar amante para dentro de seu quarto pode ser interpretado como provocação. Seja prudente e evite situações de constrangimento.

Família às vezes é melhor na fotografia!

Lembre-se de que família não é apenas ter o mesmo sangue. Ninguém escolhe a família que tem, mas amigo, sim, a gente pode escolher. Se sua família recusa-se, mesmo depois de muitas tentativas e paciência de sua parte, a aceitá-lo e amá-lo como gay ou lésbica, não abra mão de sua realização e felicidade pessoal para agradar os parentes. Quem está errado não é você, são eles que devem mudar, portanto, se não o aceitam como você é, construa novos laços de amizade, amor e compreensão. Cortar o cordão umbilical ou livrar-se da barra da saia materna, no início pode ser duro e difícil, mas é o primeiro passo de uma vida mais autêntica e feliz. Também não cuspa no prato que comeu, e se puder mantenha bom contacto com seus pais, irmãos e demais parentes, pois assim você já tem um bando de aliados para enfrentar a intolerância fora de casa. Afinal, “gente nasceu para ser feliz...”

Notas

1. **Dicionário da la Vida Sexual.** Barcelona, Ediciones Dístein, 1976.
2. **Encyclopedia of Homosexuality.** New York, Garland Press, 1990.
3. Ford, C. & Beach, F. **Patterns of Sexual Behavior.** London, Eyre & Spottiswoode, 1952.
4. . “Padres e Pastores abençoam a União Homossexual.” **Boletim do Grupo Gay da Bahia**, Salvador, n.32, ago./set. 1996.
5. Bullough, V.L. **Sexual Variance in Society and History.** Chicago, The University of Chicago Press, 1976; Gregersen. E. **Práticas Sexuais.** S.Paulo, Rocco, 1989.

6. *Gay* ou homossexual masculino é o homem que mantém relações afetivas e sexuais com outros homens; *Lésbica* ou Homossexual Feminina é a mulher que mantém relações afetivas e sexuais com outras mulheres; *Travesti* é o homem (ou a mulher) que se veste com roupas do sexo oposto ao que nasceu, que assume o nome, comportamentos, hábitos e estética identificados com o sexo oposto, embora não rejeite sua própria genitália ; *Transsexual* é o homem ou mulher que se identifica totalmente com o sexo oposto, rejeitando a própria genitália e que deseja realizar operação para mudança de sexo; bissexual é o indivíduo que sente atração física e emocional por ambos os sexos, seja sucessivamente, seja ao mesmo tempo. Cf. Mott, L. **Dez Viados em Questão**. Salvador, Editora Bleff, 1987.
7. Malinowski, B. **Sexo e repressão na Sociedade Selvagem**. Petrópolis, Editora Vozes, 1973
8. Boswell, J. **Christianity, social tolerance and homosexuality**. *Gay people in Western Europe from the beginning of the Christianity to the XIVth Century*. Chicago, Chicago University Press, 1980; Mott, Luiz. “Justitia et Misericordia: A Inquisição Portuguesa e a repressão ao nefando pecado de sodomia”. In: Anita Novinsky et al (Ed), **Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte**. S.Paulo, EDUSP, 1992, p.703-739.
9. Kelly, R. **Etoro Social Structure**. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1977;
Herdt, G. **Ritualized Homosexuality in Melanesia**. Berkeley, University of California Press, 1984.
10. **Encyclopedia of Homosexuality**, op.cit.
11. Ford & Beach, *op.cit.*
12. Wallace, R. **O Sexo entre os Animais**. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1983.
13. Kinsey, A.C. et alii. **Sexual Behavior in the Human Male**. Philadelphia, W.B.Sauders Company, 1948.
14. Lauritsen, J. Thorstad, D. **The Early Homosexual Rights Movement (1864-1935)**. New York, Times Change Press, 1974.

15. Boswell, J. *op.cit.*
16. **Constituição Federativa do Brasil**, Brasília, Gráfica do Senado, 1988.
17. **Homo Sapiens**, Jornal do Grupo Gay da Bahia, “Agora é Lei”, n.1, Set/1997.
18. **Carta a uma Mãe Americana**, 1935.
19. **ABC dos Gays**. Cartilha para desenvolver a auto-estima, cidadania e a promoção de práticas sexuais mais seguras de prevenção da Aids para Homossexuais. Salvador, Grupo Gay da Bahia, Ministério da Saúde, 1996.
20. Hart, J. & Richardson, D. **Teoria e Prática da Homossexualidade**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1983; “Associações Científicas defendem os direitos humanos dos homossexuais”, **Cadernos de Texto do Grupo Gay da Bahia**, Salvador, 1987.
21. Vidal, Marciano. **Homossexualidade: Ciência e Consciência**. São Paulo, Edições Loyola, 1985.
22. Spencer, C. **Homossexualidade: Uma História**. Rio de Janeiro, Record, 1996;
Mott, Luiz. Pagode Português: A subcultura gay em Portugal nos tempos da Inquisição, **Ciência e Cultura**, v.40, p.120-139, fev.1988.
23. Daniel, M. & Baudry, A. **Os Homossexuais**. Rio, Arte Nova, 1977.
24. Wainberg, G. **La Homosexualidad sin prejuicios**. Barcelona, Granica Editor, 1977;
25. Mott, Luiz. **Homofobia: A Violação dos Direitos Humanos dos Gays, Lésbicas e Travestis no Brasil**. Editora IGLHRC, S.Francisco,(USA), 1997.
_____. **O Lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
26. Apesar do uso generalizado do artigo masculino “o” para se referir às travestis, é politicamente mais correto o artigo feminino “a” travesti, posto que socialmente vivem o gênero feminino. Cf. Mott, L. & Cerqueira, Marcelo. **As Travestis da Bahia e a Aids**. Salvador,

- Ministério da Saúde,/Grupo Gay da Bahia, 1997.
27. Suplicy, Marta. **Conversando sobre Sexo**. Petrópolis, Editora Vozes, 1983.
 28. Proust, Marcel. **Sodoma e Gomorra**. Em busca do tempo perdido. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1957.
 29. Homossexuais de 13 a 18 anos de idade são sete vezes mais propensos a cometer suicídio do que os heterossexuais masculinos na mesma faixa etária, segundo estudo publicado pelo **American Journal of Public Health**. A pesquisa foi feita por cientistas da Universidade de Minnesota (EUA), com base em dados de 36 mil adolescentes, dos quais 131 rapazes e 144 moças admitiram confidencialmente serem homossexuais ou bissexuais. Dos 131 homossexuais masculinos identificados, 28% apresentaram históricos de tentativas de suicídio – uma taxa sete vezes maior que a apurada para os heterossexuais, segundo o estudo. Os pesquisadores concluíram que a causa dessa maior propensão ao suicídio é “quase certamente” a atitude discriminatória da sociedade com relação aos homossexuais masculinos. Não foram encontradas diferenças significativas de taxas de tentativas de suicídios entre as homossexuais e heterossexuais do sexo feminino (**Folha de S.Paulo**, 29.08.97).
 30. PFLAG. **Sejamos compreensivos com nossos filhos homossexuais**. Salvador, Grupo Gay da Bahia e Associação de Amigos e Familiares de Homossexuais, 1996.
 31. “Violação dos Direitos Humanos dos Homossexuais no Brasil”, **Boletim do Grupo Gay da Bahia**, n.33, maio 1996; **Boletim do Grupo Gay da Bahia**, n.37, jan/fev.98.
 32. Texto adaptado da **Federation of Parents of Lesbians and Gays**, (PFLAG) Washington, 1992.
 33. Eis alguns textos básicos que ensinam como professores, familiares e os próprios jovens homossexuais podem tornar menos problemático o processo de “assumir” a homossexualidade: PFLAG. **Sejamos compreensivos com nossos filhos homossexuais**. Salvador, Grupo Gay da Bahia e Associação de Amigos e Familiares de Homossexuais, 1996;

88 • Luiz Mott

PFLAG. **Seja Você Mesmo**. Salvador, Grupo Gay da Bahia, 1996;
PFLAG. **Nossos Filhos e Filhas**. Perguntas e respostas para pais de Gays, Lésbicas e Bissexuais. Salvador, Grupo Gay da Bahia, 1996. Esses livretos podem ser encomendados ao GGB através do reembolso postal: Cx.Postal 2552 – Salvador, Ba.

34. Hooker, Evelyn. Homossexuais masculinos e seus mundos. In: Judd Marmor (org), **A Inversão Sexual**. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1973.